

## Hoje tem rito em latim no retiro da RCC: mapeamentos iniciais para o uso da noção de tradismáticos

*Tridentine mass at the CCR retreat: Initial thoughts on the use of the concept of tradismatics*

Isabella Tritone Medeiros

Grupo de estudos de Gênero e Marcadores Sociais da Diferença (GEDI - FESPSP) - Brasil

João Décio Passos

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Brasil

### Resumo

Consequência de modelos sociopolíticos e econômicos que engendram crises internas de forma autônoma e estrutural, os regimes democráticos transnacionais têm sido postos à prova nas últimas décadas por uma série de movimentos emergentes da extrema-direita. A religião, particularmente a cristã, participa intensamente desses novos fenômenos e vem tomando um espaço central nos estudos de política e sociedade a respeito de um crescente conservadorismo. Com o objetivo de contribuir para a produção de conteúdo que se detém sobre essas relações, a presente pesquisa pretende tematizar a categoria de *tradismáticos*, proposta pelo cientista político francês Gaël Brustier, para pensar o processo de consolidação de alianças e fusões entre a Renovação Carismática Católica e os grupos Tradicionalistas. Através de um detalhamento do conceito (a), de uma análise a partir do uso weberiano da categoria de afinidade eletiva (b) e da contraposição entre os exemplos franceses de Brustier com situações extraídas da realidade nacional (c), almeja-se contribuir para a produção de uma semântica do conservadorismo católico, que consiga atender a real complexidade deste fenômeno, sem deixar de lado os movimentos que ocorrem nas margens fronteiriças do campo católico.

### Palavras-chave

Conservadorismo católico.  
Tradicionalismo católico.  
Renovação Carismática Católica.  
Extrema-direita.  
Tradismáticos.

**Abstract**

A direct consequence of economical and sociopolitical models that generate internal crises as part of their *modus operandi*, transnational democratic regimes have been exposed in the last few decades by a series of emergent far-right movements. Religion, and in particular Christian faith, has intensely taken part in these new phenomena and gradually became the frequent subject of studies centered around the growth and spread of conservatism. Aiming to contribute to the production of content that dwells on the relationships between religion and politics, this research seeks to discuss the category of *tradismatics*, as proposed by French political scientist Gaël Brustier, focusing on the creation of alliances between the Catholic Charismatic Renewal and Traditionalist groups. Through a description of the concept (a), an analysis based on the Weberian use of the category of elective affinity (b) and the contrast between Brustier's French examples and situations taken from the national reality (c), this paper aims to contribute to the production of a semantics of Catholic conservatism, taking into account the real complexity of these phenomena.

**Keywords**

Catholic conservatism.  
Catholic Traditionalism.  
Catholic Charismatic  
Renewal.  
Far-right.  
Tradismatics.

**Introdução**

Da perspectiva de uma geopolítica “multipolar”, responsável por diluir o conflito transnacional entre capitalismo e socialismo no pós-Guerra Fria através da exportação cultural de modelos pré-fabricados de uma social-democracia de bases estadunidenses, o chamado “capitalismo democrático” (Streeck, 2014) tem sido considerado como sintoma de uma crise em crescente complexificação, derivada da problemática relação entre Estado e mercado (Kurz, 1997; Limongi, 2005; Przeworski, 2020). Em uma percepção tipificada e generalista, a democracia pode ser descrita como um modelo a ser calibrado pela articulação entre três grandes valores de pretensão universalizante: (a) a igualdade política; (b) a igualdade econômica; e, (c) a igualdade social. Embora seus principais pilares igualitários nem sempre consigam se manifestar adequadamente sob o *Welfare state* capitalista, como criticaria Offe (1984), a defesa destes princípios está sob constante ameaça nas sociedades contemporâneas que se pautam (voluntária ou compulsoriamente) por este *modus operandi*.

De acordo com o balanço feito por Gahyva (2017), a noção de conservadorismo aplicada à contemporaneidade deve ser embasada também

por seu sentido filosófico de origem oitocentista, querendo designar uma forma de enxergar a realidade a partir de preceitos tradicionais e concretos, que desprezam a linearidade da história e recusam o universalismo, particularmente através de uma reatividade às mudanças sociais. Nesse sentido, embora se deva sempre partir desse entendimento comum inicial para distinguir os indivíduos pertencentes a esses grupos, é inegável que qualquer aplicação lexical deva acompanhar, em alguma medida, a alteração de circunstâncias sociopolíticas ao longo destes séculos. Para Löwy (2015) e Almeida (2019), por exemplo, uma crescente adesão ao pensamento conservador seria central para explicar a chegada ao poder de líderes políticos de extrema-direita no Brasil e no mundo ao longo da última década.

Ambos os autores atribuem em suas reflexões um importante papel à religião cristã na mobilização dessas pautas conservadoras, implicada em uma complexa teia de relações entre fé, sujeitos, desejos, ideias e prática política. Apesar de estarem dialogando mais diretamente com o fenômeno brasileiro do bolsonarismo, fica implícito o paralelismo entre o caso nacional e as demais situações que se desdobram atualmente nos Estados Unidos, França, Alemanha, Inglaterra e Itália, para citar alguns exemplos (Fukushim; Ferraz, 2021; Zizek, 2019). Assim, dada a profundidade da interferência desses aspectos sobre a realidade social contemporânea, observa-se uma urgência não apenas em tratar desses fenômenos recorrentes para garantir a fundamentação e circulação de certas críticas sociais antagônicas a eles, mas sobretudo ao considerar a importância em nomear e descrever com profundidade os atuais mecanismos deste tipo de conservadorismo que relaciona religião e política para, em primeiro lugar, concebê-los com o grau de profundidade que lhes é característico.

Tendo estes aspectos em mente, o presente trabalho se dedica em específico a tratar da questão do envolvimento católico nos movimentos conservadores contemporâneos, em diálogo com o pentecostalismo e com a mobilização de lideranças da extrema-direita através de narrativas político-religiosas. Para isso, tem-se por objetivo central realizar uma apresentação do conceito de *tradismáticos*, formulado pelo cientista político francês Gäel Brustier, que discute as possíveis fusões entre duas iniciativas aparentemente

antagônicas configuradas pelo atual conservadorismo cristão: o Tradicionalismo e o Movimento Carismático Católico. Assim, parte-se na tentativa de responder as seguintes perguntas: quem são os tradismáticos? E mais: o que essas alianças poderiam representar da perspectiva de um panorama político nacional?

Para discutir as indagações apresentadas, este artigo se divide em três partes: (a) uma síntese de alguns pontos iniciais sobre os dois movimentos conservadores católicos em disputa e diálogo - os Tradicionalistas e os carismáticos; (b) uma contextualização da noção de tradismáticos, apresentada por Brustier (2014; 2017); e, por fim, (c) uma primeira análise deste conceito à luz do caso brasileiro, observando-o por meio da noção de afinidade eletiva, de Weber (2004). Uma vez concluídas essas etapas, apresentam-se algumas considerações finais acerca do tema, visando pensar possíveis contribuições para a continuidade da discussão deste objeto nos estudos brasileiros de religião, particularmente aqueles no limiar entre religião e política, que nos são tão caros.

### **Tradicionalistas e carismáticos: por uma semântica do conservadorismo católico**

De Olavo de Carvalho a Alexander Dugin, o termo “Tradicionalista” tem sido retomado para identificar certos indivíduos pertencentes a movimentos políticos e filosóficos da extrema-direita em crescimento na contemporaneidade (Teitelbaum, 2020). Embora assim empregado, “Tradicionalismo” (i.e., com T maiúsculo, como diferenciaria Guénon (1977) da ideia de “tradição” e “tradicionalismo”, escrita no minúsculo) pode referir-se a diversos modelos do pensamento conservador que são bastante heterogêneos e contraditórios entre si, variando em termos de filiação religiosa, de afinidades políticas, de composição demográfica e de gêneses sócio-históricas a eles associadas. Por essa razão, convém apresentar quais são aqueles Tradicionalismos que interessam imediatamente ao escopo desta pesquisa, que se dedica especificamente à questão católica.

Com o intuito de delimitar aquilo que poderia ser entendido como uma tipificação do Tradicionalismo dentro do catolicismo contemporâneo, Passos

(2020, p. 38) propõe uma primeira diferenciação com relação à escola francesa dos séculos XVIII e XIX de Maistre, Bonnard, Lamennais, Boutain e Bonnetty, que, embora receba o nome de “tradicionalismo”, não cabe dentro do escopo menor ao qual aqui se recorre para designar esta ramificação em particular. A estes autores, Soares (2023, pp. 5-6) oferece o crédito de genitores indiretos de um pensamento conservador católico, que constitui forte crítica ao ideário moderno, enquanto um subproduto da Revolução Francesa. Uma vez consolidado, este conservadorismo articulava as bases do Tradicionalismo católico, cuja definição depende igualmente do contexto de quem o reivindica.

Ao longo dos séculos XVIII e XIX, a Igreja Católica se viu obrigada a digerir não apenas a considerável diminuição de seu poder na Europa, mas o trauma de violências exercidas contra o clero e o papado, bem como o constante medo de novas rebeliões, decorrentes de processos revolucionários similares ao caso francês, que poderiam pôr à prova sua estrutura fragilizada a qualquer momento (Soares, 2023, pp. 14-15). Assim, amparados nas teses dos autores leigos antimodernos da escola “tradicionalista” francesa, institucionalizou-se gradualmente o conservadorismo católico como marca teológica do papado oitocentista, que posteriormente daria origem e sustentação a uma reforma estrutural autoritária da burocracia religiosa.

Nesse sentido, vale citar a edição da encíclica *Quanta Cura*, com o *Syllabus Errorum* (1864) e a declaração de infalibilidade papal por meio do Concílio Vaticano I (1869-1870) - duas medidas de Pio IX que demarcaram uma posição histórica da Igreja em sentido notadamente reacionário. A partir de um endurecimento hierárquico, almejava-se retornar a uma Igreja anterior, ideal e medieval, que residia sobretudo na memória imaginada de uma instituição altamente traumatizada.

Consequência da sistematização e exportação desse pensamento conservador da Igreja, o Tradicionalismo católico é também fruto do moderno século XIX (Zanotto; Caldeira, 2013; Montenegro, 1992). Apesar disso, é necessário indicar que este conjunto se transformou consideravelmente nas décadas subsequentes, em particular após o Concílio Vaticano II (1962-1965), contexto no qual foi reformatado e fragmentado por grupos autônomos ao

redor do mundo (Portella, 2013). De maneira tipificada (e, portanto, imperfeita), define-se que o Tradicionalismo católico é um movimento conservador que abarca distintas frentes, seja de fiéis ou de membros do clero, que almejam um retorno a uma tradição católica ideal, preferencialmente pré-moderna. Esses aspectos se refletem em um ideário autoritário, hierarquizado e intolerante, uma vez que os Tradicionalistas seguem modelos fixos, unívocos e universais, como apóstolos de plantão do definitivo, a partir dos quais buscam enfrentar e eliminar o diferente (Passos, 2020).

Após a década de 1970, estes grupos passaram a ser majoritariamente associados à recusa das novas regulamentações conciliares que, pelo propósito de *aggiornamento*, implicariam uma abertura e atualização da Igreja em relação ao mundo contemporâneo (Portella, 2013). Outra pauta que refletiu a insurgência de Tradicionalistas católicos na contemporaneidade foi a nomeação do Papa Francisco à cadeira de Bispo de Roma, cujas posturas mais progressistas, aos olhos dos movimentos conservadores, implicariam uma aceitação da modernidade profana, com todos os seus erros estruturantes.

Com isso, embora fique claro que os Tradicionalistas católicos são diferentes entre si, seria possível agrupá-los pelas atividades similares que desempenham, incluindo a defesa do rito tridentino, a reivindicação dos posicionamentos eclesiais conservadores do século XIX, bem como o repúdio ao comunismo e ao socialismo, à legalização do aborto, à igualdade racial ou de gênero, e aos direitos da comunidade LGBTQIA+. Para os Tradicionalistas, o princípio central da fé é a ortodoxia, com ênfase em práticas ancoradas na reprodução de uma burocracia racionalizada levada ao extremo, o que implica um conjunto de contradições frente às “tradições” inventadas que reivindicam (Passos, 2020).

Conforme discutido até aqui, o Tradicionalismo católico é um movimento conservador no limiar da Igreja, mas não é o único que poderia ser enquadrado nestes termos. Outro conjunto com características similares, mas com configurações internas antagônicas, são os movimentos carismáticos católicos: núcleos diversos, agrupados sob um mesmo termo guarda-chuva que designa uma prática religiosa de influência pentecostal dentro do catolicismo,

com foco nos *carismas*, ou dons do Espírito Santo (Prandi; Campos; Pretti, 1998).

O Movimento de Renovação Carismática Católica surgiu em Pittsburgh (EUA), na segunda metade dos anos 1960, no ambiente universitário. De acordo com o discurso dos próprios membros da comunidade, a origem do movimento teria se dado com “um grupo de professores e estudantes católicos [que] passou por uma “renovação espiritual” acompanhada da “manifestação do Espírito” (Sofiati, 2009, p. 217), integrando ao catolicismo romano uma série de aspectos místicos e emocionais de cunho subjetivo, particularmente o “falar em línguas” e as experiências de curas e profecias (Camurça; Brum; Silveira, 2021).

Essa modificação do rito é majoritariamente caracterizada por uma divisão em “Grupos de Oração”, que operam como núcleos de sociabilidade religiosa, formando comunidades distintas nas quais são realizadas as celebrações. Os carismáticos são também conhecidos por deterem grande popularidade entre o público mais jovem, bem como pela divulgação de suas atividades através do rádio, da TV e das redes sociais. Essas comunicações são geralmente conduzidas por Padres, Freiras e Freis que, além de líderes religiosos, detém algum destaque particular por suas habilidades musicais. Algumas características que os distinguem dos evangélicos, por outro lado, são a reza do terço, o resgate aos santos católicos medievais e a centralidade das devoções marianas nas práticas religiosas do cotidiano. Dos Estados Unidos, a RCC foi rapidamente transplantada ao Brasil e, já na década de 1990, totalizava dentre seus participantes pouco mais de 4% da população (Prandi, 1998a, p. 15). Como aponta Valle,

[...] a RCC é a principal representante de um segmento que tenta levar a Igreja Católica a assumir um caráter mais intimista e pietista que social, negligenciando seu papel na sociedade. No limite, a supremacia do ideal da RCC poderia levar o Catolicismo brasileiro a assumir uma posição proselitista e anti-ecumênica na evangelização. (Valle, 2004, p. 98)

Embora o termo RCC possa ser utilizado como um guarda-chuva para designar, de maneira geral, os grupos católicos que passam por um processo de “pentecostalização”, possuindo um conjunto de características e tradições condizentes com aquelas previamente discutidas, é importante distinguir que

a Renovação Carismática Católica é também uma organização específica dentro de um campo carismático católico em crescimento no Brasil. Esse campo é atualmente composto por outros grupos autônomos, frequentemente sendo eles próprios desdobramentos dessa primeira instituição, incluindo, por exemplo, a Canção Nova e a Comunidade Católica Shalom. Assim, também entre os carismáticos, como nos demais núcleos organizados do catolicismo, há pluralidade e divergência.

De forma similar aos Tradicionalistas, os carismáticos das diversas comunidades mencionadas possuem em comum, para além da prática religiosa, determinadas concepções basilares de mundo alinhadas à direita política e ao afastamento de uma sociedade contemporânea, que é compreendida por eles como intrinsecamente profana e estruturalmente incorreta. Aqueles pertencentes aos movimentos carismáticos católicos frequentemente apresentam-se focados em um trabalho de proselitismo, ligado a certos fundamentalismos. Nos aspectos da prática religiosa, os membros da RCC são diametralmente opostos aos Tradicionalistas: ao invés do rito austero e burocrático dos tridentinos, os carismáticos retêm uma ênfase no uso das emoções e do corpo herdados do pentecostalismo evangélico. As celebrações, ao invés de serem marcadas por uma temporalidade fora do mundo, que repete um eixo ritualístico tradicional regrado, são mais fluidas e adaptáveis - o rito nunca é igual e as transgressões são incentivadas.

Como propõe Prandi, apesar dessa suposta fluidez, “A RCC nasceu tradicional e conservadora” (1998b, p. 162), e assim se mantém. São grandes divulgadores de uma visão pautada na ruptura com a sociedade contemporânea, voltada para um processo religioso interno e um afastamento do mundo, com ênfase em um retorno às “tradições”, especialmente no sentido de uma ojeriza à moralidade dos tempos atuais (Silveira, 2016). Repudiam igualmente o comunismo, a igualdade racial e de gênero, bem como os direitos da comunidade LGBTQIA+.

Os carismáticos mantêm a posição da Igreja de vincular sexualidade e procriação. Rejeitam as técnicas de controle da natalidade que não impliquem abstinência sexual e combatem as campanhas de prevenção da Aids que estimulam o uso do preservativo. [...] A RCC prega que o homossexualismo é uma doença que se propõe a curar. Ensina que essa prática é anormal e pecaminosa e responsabiliza os

homossexuais pelo surgimento da Aids [...] condenam também o aborto e a pornografia (Prandi; Góes; Justo, 1998, p. 136).

Os Tradicionalistas e os carismáticos, embora possam ser enxergados como as duas extremidades de uma mesma linha, principalmente em termos de comportamentos religiosos antagônicos (Mariz, 2003), possuem uma série de aspectos em comum. É justamente esse referencial político conservador partilhado entre eles que vem fazendo com que o alinhamento entre Tradicionalistas e carismáticos se torne objeto de escrutínio de pesquisadores na última década, particularmente nas Ciências Sociais e na Ciência da Religião (Brustier, 2017; Camurça; Brum; Silveira, 2021; Silveira, 2014). A essa movimentação da ordem contemporânea do poder, que operacionaliza a união entre conservadores católicos, o cientista político francês Gäel Brustier (2014; 2017) oferece a categoria fusionada de tradismáticos, que se discute mais detidamente a seguir.

### **Fratura política: conceituação e uso da categoria de tradismáticos**

Em *Le Mai 68 conservateur*, Gäel Brustier (2014) se propõe a tratar do conservadorismo francês contemporâneo através de uma análise da chamada *La Manif pour tous*. Literalmente traduzida como “o protesto por todos”, a LMPT é uma organização política francesa fundada em 2012, com o objetivo de incentivar publicamente a visão de mundo contrária ao casamento entre pessoas do mesmo gênero. O grupo ficou conhecido por planejar manifestações de grande porte contra a aprovação de leis pró-casamento gay na França, bem como o repúdio à “ideologia de gênero” e às demais pautas envolvendo quaisquer atitudes fora de uma delimitação padrão da hetero-cis-normatividade ou dos demais papéis sociais tradicionalmente designados aos homens e às mulheres. Neste livro, quando discutindo algumas das lideranças religiosas envolvidas por trás da organização da *La Manif pour tous*, Brustier (2014) utiliza pela primeira vez a categoria de tradismáticos para se referir aos indivíduos e grupos que fundem em suas atitudes e práticas um conjunto de referenciais da Renovação Carismática Católica e dos movimentos Tradicionalistas.

Apesar de partilharem um ideário conservador comum, conforme discutido muito brevemente no item anterior, a união entre carismáticos e Tradicionalistas pode causar algum estranhamento inicial, uma vez que com frequência os sujeitos pertencentes a esses grupos agem com animosidade uns em relação aos outros. Da perspectiva dos Tradicionalistas, as semelhanças entre a Renovação Carismática Católica e os movimentos (neo)pentecostais podem ser entendidas como deturpações inaceitáveis da tradição original, recusando veementemente as músicas, o uso do corpo e as fortes descargas emocionais marcantes na exibição dos dons do Espírito Santo, bem como a dependência dos mecanismos midiáticos na evangelização.

Do outro lado dessa disputa, os carismáticos costumam considerar os grupos Tradicionalistas demasiadamente intransigentes e fechados, com um apelo exagerado ao cumprimento de regras com pouca aplicabilidade contemporânea, transformando assuntos de exclusividade espiritual em bandeiras políticas sem a devida necessidade, ou trilhando caminhos cismáticos contra a própria Igreja, o que é visto de forma muito negativa. Mesmo assim, a aplicação da categoria sugere que a reconciliação entre ambos não é apenas possível, mas sim, um dado da realidade empírica.

Embora o livro de Brustier seja considerado o primeiro a fazer uso acadêmico do termo, pensando suas implicações específicas para a formulação de uma política conservadora no limiar dos grupos religiosos, a palavra *tradismatique*, na língua francesa, já havia sido anteriormente utilizada pelo padre francês Fabrice Loiseau para descrever a si próprio e à instituição religiosa de sua fundação - a *Société des missionnaires de la miséricorde divine* (Sociedade dos missionários da divina misericórdia) -, que é simultaneamente considerada pelos seus membros enquanto carismática e Tradicionalista. Assim, o primeiro uso da ideia mais geral de tradismáticos surge de uma descrição categoricamente êmica da experiência católica conservadora, sendo posteriormente adotada por Brustier para dar nome ao fenômeno político da união entre esses grupos.

Para além do espaço mais curto que reserva no *Le Mai 68 conservateur* (2014) para a discussão sobre a questão tradismática, Brustier retorna ao assunto em seu artigo de 2017 para o *Observatoire des radicalités politiques*,

intitulado *Les tradismatiques à l'assaut du pouvoir* (Os tradismáticos em marcha pelo poder). De forma similar à estrutura aqui empregada, Brustier (2017) faz uma breve contextualização do Tradicionalismo francês e, depois, da atuação local de movimentos da Renovação Carismática Católica. Ele define a categoria de tradismático mais como um “estado de espírito” (2017, pp. 2-3) do que como um grupo verdadeiramente homogêneo, organizado em torno de uma liderança.

Esse estado de espírito mistura duas tradições espirituais, duas espiritualidades: um interesse em certas formas, certas chaves que a tradição dá e, portanto, certas variantes do tradicionalismo [...], e um interesse nos carismáticos e suas inovações, tanto litúrgicas quanto espirituais (adoração eucarística, por exemplo). Embora não almejem “a política em primeiro lugar”, os tradismáticos herdaram dos “tradis” um grande interesse pela política e dos “chachas” uma autoconfiança que lhes permite alcançar os outros com bastante facilidade (Brustier, 2017, p. 3, tradução nossa).

Para Brustier (2014; 2017), os tradismáticos são uma herança direta do projeto teológico crítico de Joseph Ratzinger<sup>1</sup> ao Vaticano II, que simultaneamente reconhece um conjunto de erros na modernidade, enquanto buscando retornar a uma unidade católica que se mobilize em prol de uma tradição partilhada entre núcleos à direita. Assim, a difusão do tal “estado de espírito” tradismático é contraditoriamente um subproduto moderno e urbano, dependente, por um lado, da dedicação política de origem Tradicionalista, pareada às táticas de proselitismo e divulgação espiritual via meios de comunicação de massa dos carismáticos católicos. Nesse contexto, a *La Manif pour tous* se torna um exemplo situacional que permite a aliança e a dupla circulação tradismática, articulando esses agentes politicamente na cidade e em relação aos demais conjuntos sociais.

Ainda que esses fatores estejam muito arraigados ao caso francês, a discussão apresentada por Brustier, para além de dar nome a um fenômeno até então não mapeado, também permite iniciar o empenho no sentido da formulação de um léxico que ajude a pensar a realidade brasileira. Com isso

---

<sup>1</sup> Vale ressaltar que Ratzinger apoiou abertamente o avanço da RCC em diversas ocasiões. Quando ainda era cardeal, famosamente postulou que “a Renovação no Espírito se trata de uma esperança, de um positivo sinal dos tempos, de um dom de Deus para a nossa época. É a redescoberta da alegria e da riqueza da oração contra a teoria e práxis sempre mais enrijecidas e ressecadas no tradicionalismo secularizado” (Ratzinger, 1985, p. 37).

em mente, na próxima etapa do texto passa-se a uma análise da noção de tradismáticos a partir do conceito de afinidade eletiva, sutilmente empregado por Weber em *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*, sendo aqui aplicado ao exemplo nacional.

### **Relações perigosas: afinidade eletiva entre carismáticos e Tradicionalistas no campo católico conservador brasileiro**

Em sua descrição do tipo de relação que se estabelece entre o capitalismo e certa ética calvinista, Weber (2004) utiliza a noção de afinidade eletiva (*Wahlverwandtschaft*) como elemento de caracterização entre ambas as partes. Embora ao longo de *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo* ele não entre no detalhamento do que, exatamente, quer dizer quando se utiliza dessa categoria, fica subentendido que a escolha terminológica para descrever este relacionamento carrega um significado particular a ser explorado. Mais tarde, através de um mapeamento de todos os usos feitos de *Wahlverwandtschaft* ao longo da obra de Weber, Löwy defende que seria possível defini-la como

o processo pelo qual duas formas culturais - religiosas, intelectuais, políticas ou econômicas - entram, a partir de determinadas analogias significativas, determinados parentescos íntimos ou afinidades de sentido, em relação de atração e influência recíprocas, seleção e reforço mútuos e convergência ativa (Löwy, 2011, p. 142).

Com essa descrição em mente, seria possível considerar que a relação entre capitalismo e calvinismo em Weber (2004) se dá no sentido de uma atração não compulsória, mas em algum sentido deliberada entre as duas partes. Assim, há uma força de convergência entre estes elementos, que se manifesta na medida em que ambos podem se beneficiar mutuamente de possibilidades abertas pelo outro, tornando-se afins quando mais convém aceitar estes ganhos.

A definição da categoria de tradismáticos - que é, simultaneamente, essencial à construção de um léxico acerca das relações entre Tradicionalistas e carismáticos católicos, mas também suficientemente aberta pela pouca discussão registrada sobre este fenômeno - implica, como foi discutido de forma ainda superficial no item anterior, dois sentidos distintos: (a) aquele

dos sujeitos, instituições e eventos religiosos que se auto identificam ou são identificados por outros enquanto tradismáticos, por deliberadamente assumirem características tanto dos movimentos carismáticos como de grupos Tradicionalistas, similar ao caso de Fabrice Loiseau; ou (b) daqueles sujeitos, instituições e eventos religiosos que, embora sejam mais especificamente compromissados com uma das duas tradições (ou nenhuma delas), estão abertos a colocar as diferenças fundamentais entre os dois projetos religiosos de lado em prol de algum tipo de diálogo ou objetivo mutuamente “benéfico”, como na *La Manif pour tours*.

Para além destes exemplos inspirados na realidade francesa (Brustier, 2017), é possível utilizar a mesma divisão anteriormente empregada para pensar paralelos muito similares no caso brasileiro. Em termos de uma dupla-filiação tradismática, nomes como o da Ir. Kelly Patrícia (Instituto Hesed) e do Pe. Paulo Ricardo (que transita entre a Canção Nova e os grupos católicos Tradicionalistas) vêm à mente. Embora eles próprios não se denominem dessa forma e sejam talvez mais facilmente categorizáveis de um ou de outro lado desta linha imaginária, o conteúdo que produzem e as discussões que promovem dentro dos ambientes conservadores do catolicismo atraem um público tanto de carismáticos como de Tradicionalistas.

Outro caso particular é do Pe. José Eduardo, da Diocese de Osasco (SP), que reivindica o rito tradicional, mas simultaneamente vende cursos sobre temáticas carismáticas, incluindo os sete dons do Espírito Santo. Em outubro de 2016, uma publicação do pároco ficou famosa na chamada “bolha conservadora católica” do Twitter, no qual dizia: “Nem só tradicional! Nem só carismático! O novo lance agora é ser #Tradismático!”<sup>2</sup>. O tuíte recebeu diversos comentários de apoio, com seguidores afirmando se sentirem contemplados pelas palavras de aliança.

Quanto ao segundo caso despertado pela delimitação terminológica de Brustier (2017), que reproduz um discurso aparentemente alinhado à perspectiva de Ratzinger (1985) em prol dos novos movimentos católicos, responsáveis por trazer fiéis de volta à Igreja, vale citar dois exemplos distintos que reforçam o diálogo entre Tradicionalistas e carismáticos

---

<sup>2</sup> Disponível em <<https://twitter.com/pejoseduardo/status/785204670277021696>>, acesso em outubro de 2023.

católicos em comunidades diferentes pelo Brasil. Em primeiro lugar, um discurso do Pe. Françoá Costa, da Paróquia Senhor Bom Jesus, na Ceilândia (DF), publicado no *reels* do Instagram, em maio de 2023. Neste relato, no qual preza pela união entre todos os “bons” católicos, Pe. Françoá diz:

Tenho a impressão de que na Igreja Católica nós temos muitas pessoas que amam a verdade e que são pessoas boas, só que muitos deles gostam de rezar levantando as mãos ou colocando-as no coração. Talvez esses sejam os carismáticos. Outros, gostam de rezar ao som do canto gregoriano e da missa antiga, os mais tradicionais. Outros, ainda, gostam de rezar um pouco mais efusivamente com o canto ao som de Salmos e com uma melodia mais perto do sul da Espanha. É o pessoal do Caminho Neocatecumenal. Enfim, muita gente que ama a verdade, que quer o bem, que tem uma sensibilidade ou outra para rezar. Meus queridos, precisamos nos unir todos. Nesses tempos de crise, de doutrinas relativistas, todas as pessoas que amam a verdade e querem o bem têm que parar de ficar divididos, um criticando o outro... Isso não colabora para a vitória de Cristo e da Igreja. Temos que nos unir todos (Costa, 2023)<sup>3</sup>.

Em tom bastante similar, um outro caso que circulou amplamente em núcleos conservadores virtuais, também registrado este ano, é uma fala de Dom José Ruy, Bispo da diocese de Caruaru (PE), com votos pela Ordem dos Frades Menores Capuchinhos. Durante a Missa Dominical do dia 6 de agosto de 2023, celebrada na Catedral Nossa Senhora das Dores, Dom José proferiu um longo agradecimento às novas comunidades católicas, com ênfase no apoio concedido a ele por grupos carismáticos, fazendo um apelo à união entre católicos de ritos diversos:

Entretanto, eu quero aqui não apenas lembrar, mas "profetizar" como eu já tenho feito, agradecendo também às novas comunidades: ao Shalom, que me acompanha nesta celebração dominical a mais de um ano, à Restauração, à Lumen, à Porta Fiden, à Comunidade das Servas de Maria e a tantas outras comunidades. Porque o futuro da Igreja está nas novas comunidades. O futuro da Igreja está nas novas comunidades. Eu louvo e bendigo a Deus por estas comunidades, porque nós seremos amparados na defesa da fé, não pelos padres e pelos bispos, mas por bons leigos de fé (Ruy, 2023)<sup>4</sup>.

Tanto os relatos de Dom José Ruy e de Pe. Françoá Costa, como os exemplos de personalidades católicas que vêm se autodenominando ou sendo

<sup>3</sup> Disponível em <<https://www.instagram.com/p/Csi3plkt69x/>>, acesso em outubro de 2023.

<sup>4</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=aG2uNL7XpZM>>, acesso em outubro de 2023.

compreendidas enquanto duplamente filiadas aos movimentos carismáticos e tradicionais, suscitam o uso da categoria de afinidade eletiva. Em momentos de benefício mútuo, a RCC e os Tradicionalistas adquirem certo grau de parentesco que permite que sejam esquecidas suas rivalidades e contradições. Enquanto estão suspensos os aspectos conflituosos de suas crenças antagônicas, ressalta-se aquilo que possuem em comum: nas palavras de Costa (2023), uma colaboração contra as “doutrinas relativistas”, em prol da “vitória de Cristo e da Igreja”.

Um outro ponto de atração entre os dois grupos segue as diretrizes apresentadas por Prandi (1996) para a religião mercantilizada pós-secular. Tanto os carismáticos quanto os Tradicionalistas representam a possibilidade de trânsito religioso dentro do próprio catolicismo, permitindo uma multiplicidade de autoidentificações e consolidando um conjunto de perspectivas de fé da ordem do individualismo religioso. Esses processos são característicos da própria conjuntura sócio-histórica do campo religioso brasileiro contemporâneo e reproduzem, a sua maneira, vivências religiosas abertas à conversão e à venda de bens religiosos. Na dimensão do sujeito, ambos os movimentos implicam uma certa supressão da agência do fiel em prol da total entrega às estruturas religiosas como formadoras da identidade, da personalidade, da sociabilidade e da opinião de cada um.

Esse espírito de solidariedade não é apenas formulado por razões abstratas, mas sim por constituir ganhos materializáveis dentro de projetos políticos particulares de cada um dos lados. Como na *ética protestante*, capitalismo e calvinismo se misturam pela capacidade de se reforçarem mutuamente. De forma similar, a relação de afinidade eletiva entre Tradicionalistas e membros da Renovação Carismática Católica torna-se possível na medida em que um amplifica o alcance da verdade do outro, permitindo um lucro que seja maior do que as perdas geradas pela contradição. Este resultado pode ser material, no sentido de concretizar um projeto de mundo a-histórico, que retorna às origens de uma suposta tradição, mas também abstrato, por fazer avançar um conjunto de crenças éticas herdadas de um catolicismo conservador generalizado. Assim, baseada neste princípio, a aliança tradismática não é arbitrária, mas um produto da

ação social racional, seja em relação a fins, valores, ou em termos de uma amálgama entre estes dois tipos ideais weberianos.

Essa movimentação realizada entre carismáticos católicos e Tradicionalistas, ou mesmo entre católicos e (neo)pentecostais no seio de grupos conservadores, não é uma novidade na literatura. Em 2021, Camurça, Brum e Silveira, por exemplo, propuseram-se a discutir o relacionamento entre Trump e Bolsonaro através da mobilização de lideranças do Opus Dei (que é reconhecido como uma organização católica Tradicionalista) e da RCC. De acordo com esses autores, essas alianças podem ser alcançadas na medida em que

[a]mbos os movimentos, Opus Dei e RCC, em que pese suas diferenças de estilos, ethos e organização institucional, convergem para uma atuação pública de condenação ao aborto, à união estável homoafetiva e outras pautas consideradas por eles como destruidoras de ordem moral cristã (Camurça; Brum; Silveira, 2021, p. 3).

Aqui, como nos casos de circulação midiática apresentados, a relação entre esses grupos é mediada por um programa concreto, ligado à defesa de certos aspectos da moral conservadora comum, que possui aplicabilidade em termos de fins e valores. Com isso em mente, continuam:

Dentre as manifestações institucionais e oficiais da RCC brasileira também encontramos os ecos de ideias do catolicismo transnacional conservador do Opus Dei incrustado no projeto Trump, que desembocam no seu programa de ação: nação cristã, anticomunista, desconfiança da ciência e de consensos científicos (aquecimento global), valores da família tradicional (branca, cristã, heterossexual, patriarcal) (Camurça; Brum; Silveira, 2021, p. 18).

Conforme reforçado anteriormente, a principal particularidade do uso da noção de tradismáticas por Brustier (2014; 2017) é a abertura de um leque de possibilidades de construção de léxico para descrever um fenômeno presente na conjuntura transnacional da política contemporânea. Nesse sentido, identifica-se dois caminhos para a aplicação dessa categoria: (a) um, na qual as pessoas e as coisas são entendidas como tradismáticas porque implicam diretamente uma amálgama de catolicismo Tradicionalista e carismático - é o caso dos indivíduos vão tanto às missas em latim e aos retiros da RCC na mesma semana, ou que falam em línguas enquanto vestem o véu tipicamente

reservado ao rito tradicional -, e (b) outro, na qual o conceito de tradismático adjetiva uma circunstância de aceitação mútua entre as identidades, sem necessariamente envolver uma prática fusionada desta ou daquela vertente. Entende-se que, dada a adesão de líderes da extrema-direita ao incentivo de alianças entre núcleos conservadores católicos antagônicos, a construção de categorias que deem conta de tratar desses fenômenos é de extrema urgência. Afinal, os “ganhos” estimados por essa afinidade eletiva caminham no sentido do esfacelamento da igualdade e dos demais valores democráticos modernos, que, por mais compulsórios e insuficientes que possam efetivamente ser sob o capitalismo, comprometem-se em garantir a dignidade humana - aspecto que interessa muito pouco aos tradismáticos.

### **Considerações finais**

A transplantação do regime democrático em ampla escala mundial é um constructo sociopolítico que se dá em relação a aspectos históricos nada neutros (Quijano, 2002; 2005). O “capitalismo democrático” (Streeck, 2014) pode representar, em si, contradições praticamente irreconciliáveis na tentativa de manifestar seus valores mais basilares em um modelo econômico inóspito, que engendra desigualdades contraditórias como princípio de sua existência (Offe, 1984). Por mais ineficientes que possam ser ou parecer, as democracias têm por valor principal a defesa das igualdades econômicas, sociais e políticas, comprometendo-se idealmente com a garantia da dignidade humana. Em termos de valores abstratos, a defesa do regime democrático deve condizer com o respeito à vida das pessoas, nas suas mais diversas manifestações. É justamente na contramão da defesa desses conceitos universais e igualitários que as lideranças conservadoras da extrema-direita vêm se posicionando no Brasil e no mundo.

Embora nem todas essas figuras sejam estritamente religiosas, a produção de discursos e alianças políticas mantém-se firmemente arraigada a questões da ordem da religião (Almeida, 2019; Löwy, 2015). Desde o processo de redemocratização do Brasil, a constante organizacional da chamada Bancada Evangélica tem sido encarada com preocupação pelos cientistas sociais (Almeida, 2017; Mariano, 2016; Oro, 1987; Oro, 2016; Prandi; Santos,

2017). Para um número talvez menor, mas crescente, a movimentação política do conservadorismo cristão brasileiro não depende apenas de seus núcleos evangélicos, mas também da articulação de grupos conservadores católicos (Camurça; Brum; Silveira, 2021; Passos, 2020; Soares, 2023). Esse conservadorismo católico, por sua vez, está intimamente ligado ao crescimento do (neo)pentecostalismo dentro do catolicismo, na figura da Renovação Carismática Católica (Prandi, 1998a; 1998b; Silveira, 2016; Sofiati, 2009; Valle, 2004), mas não se limita a ele.

Com o mapeamento do impacto da RCC sobre o catolicismo, observa-se a mobilização por parte de lideranças políticas como Trump e Bolsonaro de estratégias de aglutinação de projetos católicos conservadores similares (Camurça; Brum; Silveira, 2021). A partir de movimentações análogas na França, o cientista político Gaël Brustier oferece o termo tradismático - que surge do discurso êmico do Pe. Fabrice Loiseau - para dar nome tanto às práticas religiosas que misturam esses dois tipos de catolicismo, quanto ao fenômeno que permite um discurso de (re)conciliação entre os grupos.

A construção da aliança tradismática pode ser pensada como a manifestação de um relacionamento de afinidade eletiva entre carismáticos e Tradicionalistas, uma vez que, na definição weberiana sistematizada por Löwy (2011), a afinidade eletiva diz respeito a um movimento de aproximação mútua, gestada por um princípio racional que visa benefícios simétricos. Esses aspectos ficam evidentes nos exemplos tratados por Brustier (2017), mas também nos representantes tradismáticos nacionais brevemente discutidos no item anterior.

A presente pesquisa teve por principal objetivo apresentar o conceito utilizado por Brustier, considerando um quadro mais geral do envolvimento católico nos movimentos conservadores contemporâneos, particularmente no Brasil. Com isso, tentou-se responder duas principais perguntas: (a) quem são os tradismáticos? E, (b) o que essas alianças poderiam representar da perspectiva de um panorama político nacional?

Assim, por meio desta sistematização bastante inicial, concluiu-se que os tradismáticos são sujeitos que aglutinam simultaneamente em suas práticas religiosas e formas de pensar uma série de aspectos característicos da

Renovação Carismática Católica e do Tradicionalismo católico, independentemente de suas contradições. Para além de um adjetivo a ser utilizado para descrever pessoas, lugares e ritos, a noção de tradismático também dá nome a um fenômeno de aproximação ética abstrata, ancorada nas formulações de Ratzinger (1985) a respeito da (re)união católica. Em certo sentido, para que haja abertura para *ser* tradismático, é preciso que a convivência entre esses grupos seja entendida como uma possibilidade. Simultaneamente, se há celebração e identidade tradismática, então a convergência ética entre os grupos é condição *sine qua non* de sua existência. No limite, enquanto caminha uma pentecostalização Tradicionalista, avança também uma paralela e proporcional tridentinização ou Tradicionalização carismática.

Da perspectiva de um panorama político nacional que já se alinha no aproveitamento dessa afinidade eletiva, compreende-se que os tradismáticos são agentes de alta visibilidade, que valorizam a construção de relacionamentos com lideranças mundiais. Acima de tudo, esta visão geral da política nacional parece reclamar um senso de urgência, uma vez que o fortalecimento do fenômeno tradismático é ameaçador à democracia, ao princípio da igualdade e à própria vida humana. É nesse sentido que a construção de uma semântica particular que dê conta de organizar alguns desses agentes, eventos e fatores se apresenta como um aspecto essencial dos estudos de religião e política na contemporaneidade.

## Referências

ALMEIDA, R. A onda quebrada - evangélicos e conservadorismo. *Cadernos Pagu*, n. 50, 2017.

ALMEIDA, R. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. *Novos estudos CEBRAP*, v. 38, n. 1, 2019, pp. 185-213.

BRUSTIER, G. *Le mai 68 conservateur. Que restera-t-il de la Manif pour tous?* Paris: Éditions du Cerf, 2014.

BRUSTIER, G. Les tradismatiques à l'assaut du pouvoir. *Observatoire des radicalités politiques*, Fondation Jean Jaurès, jan. 2017. Disponível em:

<<https://www.jean-jaures.org/publication/les-tradismatiques-a-lassaut-du-pouvoir/>>.

CAMURÇA, M.; BRUM, A.; SILVEIRA, E. Todos os caminhos levam a Roma e a Casa Branca: os fluxos da direita religiosa católica para o Brasil a partir dos EUA de Trump e do entorno tradicionalista do Vaticano. *Ciências Sociais e Religião*, v. 23, 2021.

FUKUSHIM, K.; FERRAZ, A. A ascensão da extrema direita e as consequências para as democracias. *Argumentum*, v. 13, n. 2, 2021, pp. 4-7.

GAHYVA, H. Notas sobre o conservadorismo: elementos para a definição de um conceito. *Política & Sociedade*, v. 16, n. 35, 2017, pp. 299-320.

GUÉNON, R. *A crise do mundo moderno*. Lisboa: Editorial Vega, 1977.

KURZ, R. *Os últimos combates*. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

LIMONGI, F. Prefácio. In: DAHL, R. *Poliarquia*. São Paulo: EDUSP, 2005.

LÖWY, M. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. *Serviço Social & Sociedade*, n. 124, 2015, pp. 652-664.

LÖWY, M. Sobre o conceito de "afinidade eletiva" em Max Weber. Tradução de Lucas Amaral de Oliveira e Mariana Toledo Ferreira. *Plural*, v. 17, n. 2, 2011, pp. 129-142.

MARIANO, R. Expansão e ativismo político de grupos evangélicos conservadores Secularização e pluralismo em debate. *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, vol. 16, 2016, pp. 710-728.

MARIZ, C. A Renovação Carismática Católica Uma igreja dentro da Igreja? *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, v. 3, n. 1, 2003, pp. 169-186.

MONTENEGRO, J. O tradicionalismo Católico no Brasil. *Revista do Instituto do Ceará*, v. 106, 1992, pp. 41-58.

OFFE, C. *Problemas estruturais do Estado capitalista*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

ORO, A. P.; ALVES, D. Renovação Carismática Católica e Pentecostalismo Evangélico: convergências e divergências. *Debates do NER*, vol. 30, Porto Alegre, UFRGS, 2016, pp. 219-245.

ORO, A. P.; ALVES, D. As bases da nova direita. *Novos Estudos*, n. 19, CEBRAP, São Paulo, 1987, pp. 26-45.

PASSOS, J. D. *A força do passado na fraqueza do presente: o tradicionalismo e suas expressões*. São Paulo: Paulinas, 2020.

PORTELLA, R. Saudades da civilização católica: integrismo, tradicionalismo e exclusivismo no catolicismo contemporâneo. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 5, n. 15, 2013, pp. 1-12.

PRANDI, R. Introdução: As religiões no Brasil Contemporâneo (1998a). In: PRANDI, R. *Um sopro do Espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático*. São Paulo: EDUSP, 1998.

PRANDI, R. A Renovação Carismática e o Pentecostalismo: proximidade e diferença (1998b). In: PRANDI, R. *Um sopro do Espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático*. São Paulo: EDUSP, 1998.

PRANDI, R.; GÓES, R.; JUSTO, J. A Doutrina Carismática. In: PRANDI, R. *Um sopro do Espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático*. São Paulo: EDUSP, 1998.

PRANDI, R.; CAMPOS, A.; PRETTI, R., A Renovação Carismática Católica. In: PRANDI, R. *Um sopro do Espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático*. São Paulo: EDUSP, 1998.

PRANDI, R.; SANTOS, R. Quem tem medo da bancada evangélica? Posições sobre moralidade e política no eleitorado brasileiro, no Congresso Nacional e na Frente Parlamentar Evangélica. *Tempo Social*, v. 29, n. 2, 2017, pp. 187-214.

PRANDI, R. Religião paga, conversão e serviço. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 45, 1996.

PRZEWORSKI, A. *Crise da democracia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

QUIJANO, A. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

QUIJANO, A. Colonialidade, poder, globalização e democracia. *Novos Rumos*, n. 37, 2002, pp. 4-28.

RATZINGER, J. *A fé em crise? O Cardeal Ratzinger se interroga*. São Paulo: Ed. E.P.U., 1985.

SILVEIRA, E. O evangelho dos produtos canção nova: salvação, consumo e mídia eletrônica. *Estudos Teológicos*, v. 56, n. 2, 2016.

SILVEIRA, E. Tradicionalismo católico no ciberespaço: juventude, política e espiritualidade. *Ciências da Religião: história e sociedade*, v. 12, n. 2, 2014, pp. 20-42.

SOARES, J. A construção do pensamento político conservador católico no século XIX. *Espaços - Revista de Teologia e Cultura*, v. 30, n. 2, 2023, pp. 4-16.

SOFIATI, F. Elementos socio-históricos da Renovação Carismática Católica. *Estudos de Religião*, v. 23, n. 37, 2009, pp. 216-241.

STREECK, W. Como vai acabar o capitalismo? O epílogo de um sistema em desmantelo crônico. *Piauí*, n. 97, 2014, pp. 1-17.

TEITELBAUM, B. *Guerra pela eternidade: o retorno do tradicionalismo e a ascensão da direita populista*. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

VALLE, E. A Renovação Carismática Católica. Algumas observações. *Estudos Avançados*, v. 52, n. 18, 2004.

WEBER, M. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ZANOTTO, G.; CALDEIRA, R. Facetas do tradicionalismo católico no Brasil. *Revista Brasileira de História das Religiões*. v. 6, n. 16, 2013, pp. 3-6.

ZIZEK, S. Por que Corbyn perdeu? Um post mortem das eleições inglesas. Tradução de Artur Renzo. *Blog da Boitempo*, dez. 2019. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2019/12/17/zizek-por-que-corbyn-perdeu-um-post-mortem-sobre-as-eleicoes-inglesas/>>.

Trabalho submetido em 23/12/2023.

Aceito em 05/06/2024.

João Décio Passos

Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP; Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1995), Mestre em Teologia pelo Instituto São Paulo de Estudos Superiores (2009), Livre docente em teologia e professor do Programa de Estudos Pós-graduados em Ciência da Religião da PUC-SP. Possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1987), graduação em Teologia pela Pontifícia Faculdade de teologia N.S. da Assunção (1991), especialização e Filosofia da Religião pela PUC-MG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4390-0423>. E-mail: [jdpassos@pucsp.br](mailto:jdpassos@pucsp.br).

Isabella Tritone Medeiros

Mestre em Ciência da Religião pela PUC-SP (2022-2024), bacharela em Sociologia e Política pela FESPSP (2018 - 2021), possui formação de extensão em Diversidades e Inclusão Social em Direitos Humanos pela USP (2022) e é integrante do grupo de estudos de Gênero e Marcadores Sociais da Diferença (GEDI - FESPSP). Atua como assessora de investimento social pela Simbi. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8998-0177>. E-mail: [isabellatritone@gmail.com](mailto:isabellatritone@gmail.com).